

UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE

JOSÉ BRENO DEVITTE BUENO
MARIA ELIZABETH GOMES CAMPOS

IMAGENS DA MATERNIDADE EM QUARTO DE DESPEJO, DE CAROLINA MARIA
DE JESUS

São Paulo
2021

UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE

JOSÉ BRENO DEVITTE BUENO
MARIA ELIZABETH GOMES CAMPOS

IMAGENS DA MATERNIDADE EM QUARTO DE DESPEJO, DE CAROLINA MARIA
DE JESUS

Trabalho de conclusão de curso da Universidade
Presbiteriana Mackenzie como requisito para a obtenção
de Licenciatura em Letras.

ORIENTADOR: Profº Dr. Cristhiano Motta Aguiar

São Paulo
2021

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	4
1. ESCRAVIDÃO E RACISMO	7
1.1 QUESTÃO SOCIAL E DESIGUALDADE	9
2. LITERATURA NEGRA NO BRASIL	13
2.1 AUTORAS NEGRAS BRASILEIRAS	16
2.1.1 MARIA FIRMINA DOS REIS	16
2.1.2 RUTH GUIMARÃES	17
2.2 MAPEAMENTO DA LITERATURA BRASILEIRA FEMININA NEGRA	18
3. A OBRA E A MATERNIDADE EM QUATO DE DESPEJO	20
3.1 VIDA E OBRA DE CAROLINA MARIA DE JESUS	20
3.2 O ESPÓLIO E O LEGADO	25
3.3 A MATERNIDADE EM QUARTO DE DESPEJO	26
CONCLUSÃO	39
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	41

INTRODUÇÃO

Falar, escrever ou dissertar sobre Carolina Maria de Jesus é sinônimo de falar, escrever ou dissertar sobre grande parte das mulheres brasileiras. Mãe, negra e favelada, Carolina se tornou um símbolo de luta contra a pobreza e contra a fome. Sua escrita ajudou a revelar o cotidiano de desigualdades dentro de uma favela brasileira na década de 1950.

Este Trabalho de Conclusão de Curso irá analisar a maternidade dentro da principal obra da autora, o livro *Quarto de Despejo – diário de uma favelada*. Vamos mostrar como Carolina Maria de Jesus conduz a escrita em seu livro, que escolhas fez quando descreve ao leitor o seu papel de mãe, como imprime emoção ao texto e como retrata a luta diária para combater a fome dentro e fora de casa.

Ao longo dos capítulos, também iremos mostrar como a literatura de Carolina foi revelada. A autora foi descoberta ao acaso, quando o jornalista Audálio Dantas visitou a antiga favela em que ela vivia, no bairro do Canindé, na cidade de São Paulo. Foi naquele núcleo precário, ao ir apurar uma reportagem, que ele conheceu e se encantou com os diários escritos por ela. Foi nessa comunidade que ela iniciou a criação de seus três filhos: José Carlos, João José e Vera Eunice.

Catadora de papel e leitora voraz de poesias, peças, romances e periódicos da época, Carolina anotava a sua rotina em diários. Também escrevia textos, sempre com o objetivo de publicá-los. Chegou a publicar alguns, timidamente, a partir de 1942. Mas não era fácil enfrentar uma redação predominantemente masculina e branca.

Quando eu era empregada doméstica, trabalhava com má vontade, porque o meu desejo era ser artista. Queria ser cantora. Quando eu via uma artista no palco, invejava-a. Nos meus dias de folga lá estava eu, ou no teatro, ou nas rádios e na redação do Jornal O dia. Conversando com o saudoso Chico Sá, pôis (sic) pretendia ser escritora. Quando eu escrevia versos ia na redação para ouvir a opinião do senhor Francisco de Sá. Uma noite entrei na redação e disse: o senhor quer ouvir os últimos versos que escrevi? O senhor Francisco Sá coçou a Cabeça e disse-me: - oh, meu Deus! Porque é, que eu não nasci surdo! (FERNANDEZ, 2016, p. 12-3).

Mas não foram esses versos, relegados por Francisco Sá, que a projetaram para a fama. O que fez com que ela alcançasse o auge literário foi a junção de seus diários, que se transformou no sucesso editorial *Quarto de Despejo – diário de uma favelada*.

O livro, publicado pela primeira vez em 1960, está dentro do período da literatura contemporânea brasileira. Mas apesar de contemporâneo, é um dos únicos escritos por uma mulher negra na época em que foi lançado. *Quarto de Despejo - diário de uma favelada* contribui para a compreensão da realidade tanto das personagens que transitam pelas páginas, como de qualquer morador de uma periferia brasileira, seja ele branco ou negro.

Por causa de todas essas características e particularidades apresentadas pela autora, por ser uma mulher negra, que venceu inúmeras barreiras com sua escrita, consideramos fundamental a nossa pesquisa, para analisar como Carolina Maria de Jesus desenvolveu a sua literatura.

No primeiro capítulo deste trabalho, vamos falar sobre o racismo estrutural e como ele continua presente no dia a dia dos moradores das grandes cidades. Segundo Almeida (2021, p. 32), podemos dizer que o racismo é uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para os indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertencem.

Vamos também falar sobre a mulher negra e a maternidade e como é a representatividade dela na literatura brasileira, da qual Carolina Maria de Jesus faz parte.

Se a autora representa o momento no qual o sujeito periférico sai da condição de tema e torna-se autor de sua própria história, sua obra também demarca outra problemática fundamental: a escassez material da vida imposta como único tema 'permitido' à autoria que emerge da periferia. (MIRANDA, 2019, p. 164).

No segundo capítulo vamos discutir questões que permeiam a produção literária feminina negra no Brasil. Também vamos mostrar quem são as escritoras brasileiras negras que vieram antes de Carolina Maria de Jesus e a importância das obras escritas por elas no cenário da literatura nacional.

No terceiro capítulo vamos falar sobre a vida e a obra Carolina. Vamos discutir como Carolina é vista hoje em dia e analisar os retratos da maternidade presentes em *Quarto de despejo – diário de uma favelada*. Vamos mostrar como a autora retrata o seu papel de mãe, como é a relação com seus filhos e de que maneira ela demonstra o afeto a eles.

Consideramos que os problemas sociais que ela explicitou no livro, as relações étnicas-raciais, o racismo e o preconceito corroboram a força motriz deste trabalho de conclusão de curso, a de que Carolina fez tudo movida por uma paixão, a que tinha pelos filhos. E que independentemente de como a escrita produzida por ela foi encarada por seus pares, a autora produziu literatura e transformou parte da história da sua vida em um livro que reverbera sessenta e um anos depois do lançamento.

Chamarei de literatura, da maneira mais ampla possível, todas as criações de toque poético, ficcional, ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações. (CANDIDO, 2017, p.176).

Portanto, hoje em dia, a obra de Carolina Maria de Jesus se revela imprescindível para o entendimento dos problemas sociais que afetam a população negra e das desigualdades que afetam a população em geral. Carolina resiste, independentemente do ostracismo que teve que enfrentar no fim da vida, hoje conseguimos olhar para trás e perceber que ela marcou uma época e nos presenteou com um recorte social importantíssimo para entender o ontem e pensar em como pode ser o amanhã.

CAPÍTULO 1

ESCRavidÃO E RACISMO

Em nossa sociedade, carregamos uma herança escravocrata que está presente até os dias de hoje. A escravidão de negros no Brasil foi de 1535 até 1888 e os reflexos desse triste período persistem.

Segundo Djamilia Ribeiro (2019), quase ninguém se assume como racista, apesar de sermos frutos de um país onde o sistema escravocrata ditou os rumos da economia por mais de 300 anos.

O primeiro impulso de muita gente é recusar enfaticamente a hipótese de ter um comportamento racista: “Claro que não, afinal tenho amigos negros”, “Como eu seria racista, se empreguei uma pessoa negra?” “Racista, eu, que nunca xinguei uma pessoa negra?”.

A partir do momento em que se compreende o racismo como um sistema que estrutura a sociedade, essas respostas se mostram vazias. É impossível não ser racista tendo sido criado numa sociedade racista. É algo que está em nós e contra o que devemos lutar sempre. (RIBEIRO, 2019, p. 37-8).

Do século XVI ao XIX imperou uma legislação que regulava o sistema escravocrata brasileiro e permitia a escravidão em todo o território nacional. Havia muitos benefícios para quem fosse dono de escravos, que em sua maioria eram os senhores de engenho, os padres, os militares, os funcionários públicos, os artesãos, os taberneiros, os comerciantes, os pequenos lavradores, os grandes proprietários de terras, a população mais pobre de pessoas brancas e até pessoas que foram escravizadas um dia, após conseguir a alforria, mantinham outros escravizados.

Diante desse triste histórico, com o qual precisamos conviver até hoje, a escravidão foi mais que apenas um sistema econômico, como explica a historiadora Lilian Schwarcz.

A escravidão moldou condutas, definiu desigualdades sociais, de raça e de cor como marcadores de diferenças fundamentais, ordenou etiquetas de mando e obediência e criou uma sociedade condicionada pelo paternalismo e por hierarquia muito restrita. (Schwarcz 2019, p.27).

A luta dos negros por mais direitos e pela liberdade vem de longe. E junto a essa luta há uma série de conquistas que a sociedade tenta ignorar atacando com violência, físicas e psicológicas, os corpos e a subjetividade de homens e mulheres negros.

No caso das mulheres, o destino delas, quando pessoas escravizadas, era submetido às piores condições pelos senhores de escravos: elas eram constantes vítimas de violência em seus corpos, de estupros, de um regime de trabalho árduo, do acúmulo de funções domésticas sem nenhuma possibilidade de ascensão social, entre outras atribuições.

Essas mulheres, com o destino submetido às piores condições possíveis, também cuidavam dos filhos dos senhores. Em muitas situações, elas eram obrigadas a abandonar os próprios filhos ao sistema escravocrata ou à “roda dos expostos” ou dos “enjeitados - termos utilizados para se referir às portas de igrejas ou abrigos no período colonial, para se dedicar à criação dos filhos de seus proprietários.

A nossa sociedade, estruturada em bases de patriarcalismo, encontra ressonância na atualidade, conectando aquele passado de terror ao presente. Por isso, constatamos hoje que, com todos os conflitos que vivenciamos na contemporaneidade, que são reflexos do sistema escravocrata, a relevância social dos escritos de Carolina Maria de Jesus está mais viva do que nunca.

De acordo com o escritor e pesquisador Silvio Almeida (2021), no livro “Racismo Estrutural”, existem três concepções de racismo: o individualista, o institucional e o estrutural.

Ele define o racismo individualista como uma espécie de patologia ou anormalidade.

Seria um fenômeno ético ou psicológico de caráter individual ou coletivo, atribuído a grupos isolados; ou, ainda, seria o racismo uma “irracionalidade” a ser combatida no campo jurídico por meio de aplicação de sanções civis – indenizações, por exemplo – ou penais. Por isso, a concepção individualista pode não admitir a existência de “racismo”, mas somente de “preconceito”, a fim de ressaltar a natureza psicológica do fenômeno em detrimento de sua natureza política. (ALMEIDA, 2021, p. 36).

O racismo institucional é definido pelo autor como resultado do funcionamento das instituições.

No caso do racismo institucional, o domínio se dá com o estabelecimento de parâmetros discriminatórios baseados na raça, que servem para manter a hegemonia do grupo racial no poder. Isso faz com que a cultura, os padrões estéticos e as práticas de poder de um determinado grupo tornem-se o horizonte civilizatório do conjunto da sociedade. (ALMEIDA, 2021, p. 40).

Já o racismo estrutural, não necessariamente é violento ou descaradamente discriminatório. É o racismo sendo tratado como algo que, independentemente de se aceitar ou não, constitui as relações no seu padrão de normalidade.

Em uma sociedade em que o racismo está presente na vida cotidiana, as instituições que não tratem de maneira ativa e como um problema a desigualdade racial irão facilmente reproduzir as práticas racistas já tidas como “normais” em toda a sociedade. É o que geralmente acontece em toda a sociedade. É o que geralmente acontece nos governos, empresas e escolas em que não há espaços ou mecanismos institucionais para tratar de conflitos raciais e sexuais. (ALMEIDA, 2021, p. 48).

Na concepção estrutural, o racismo transcende o âmbito da ação individual, institucional, quando há o controle direto ou indireto de determinados grupos sobre o aparato institucional.

O racismo é uma decorrência da própria estrutura social, ou seja, do modo “normal” com que se constituem as relações políticas, econômicas e até familiares, não sendo uma patologia social e nem um “desarranjo institucional”. O racismo é estrutural. Comportamentos individuais e comportamentos institucionais são derivados de uma sociedade cujo racismo é regra e não exceção. O racismo é parte de um processo social que ocorre pelas costas do indivíduo e lhes parece legado pela tradição.” (ALMEIDA, 2021, p.50).

Ao estudar o racismo no Brasil, percebemos que a ideologia da democracia racial está cristalizada nos indivíduos. Portanto, constatamos que as instituições reproduzem as condições para o estabelecimento e a manutenção da ordem social.

1.1 QUESTÃO RACIAL E DESIGUALDADE

No Brasil, a questão racial abarca as relações sociais, étnicas, jurídicas e econômicas e expõe a desigualdade, que pode ser expressa em dados estatísticos ainda existentes e persistentes na sociedade.

As relações desiguais na sociedade ocupam todos os espaços, principalmente o escolar.

A filósofa Djamila Ribeiro, no seu livro “Pequeno Manual Antirracista”, assinala uma pesquisa que indica uma das profundas desigualdades presentes em nossa sociedade.

Uma pesquisa do Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades (CeerT) – organização indispensável para a luta antirracista, criada por Cida Bento, em 1990 -, em parceria jurídica pela Equidade Racial, apontou que pessoas negras não somam 1% entre advogados e sócios de escritórios de advocacia. Entre estagiários, não chega a 10%, o estudo, de 2019, ouviu 3624 pessoas em nove das maiores bancas de São Paulo e demonstra como os números refletem a necessidade de discutir desigualdades de oportunidades e diversidade no mercado de trabalho. (RIBEIRO, 2019, p.54).

Após a abolição da escravatura, em 13 de maio de 1888, que só aconteceu depois de muita pressão externa e um acordo entre a elite monarquista, os donos de terras e as lideranças de lutas dos abolicionistas, a população escravizada, na realidade, não foi beneficiada de imediato.

A primeira Lei a proibir a discriminação racial passou a valer somente 63 anos depois da abolição, no ano de 1951. Foi a Lei 1390/51, conhecida como lei Afonso Arinos. A criação serviu para trazer à tona o tema racismo, para alertar a sociedade que racismo era crime. Mas não obteve tanto efeito na prática, pois não havia condenação para quem praticasse esse tipo de crime.

Art. 1º Constitui contravenção penal, punida nos termos desta Lei, a recusa, por parte de estabelecimento comercial ou de ensino de qualquer natureza, de hospedar, servir, atender ou receber cliente, comprador ou aluno, por preconceito de raça ou de côr (sic). (Brasil, 1951).

Mas foi apenas em 1989, após 101 anos da libertação dos escravos, que foram definidos os crimes resultantes de preconceitos de raça ou de cor. Foi a lei federal 7.716.

Art. 1º Serão punidos, na forma desta Lei, os crimes resultantes de discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional.

Art. 3º Impedir ou obstar o acesso de alguém, devidamente habilitado, a qualquer cargo da Administração Direta ou Indireta, bem como das concessionárias de serviços públicos.

Pena: reclusão de dois a cinco anos. (Brasil, 1989).

No ano de 2003, depois de muitas lutas dos movimentos negros, ficou estabelecido o dia de 20 de novembro, data da morte de Zumbi dos Palmares, como o Dia da Consciência Negra, que estabelece “a consciência de raça, reconhecimento de suas origens étnicas. A afirmação da identidade racial, Orgulho e valorização das raízes africanas (Brasil, 2003)”.

No mesmo ano, outra lei muito importante foi a 10.639/2003 complementada cinco anos depois pela lei 11.645/08. Elas foram incorporadas à Lei de Diretrizes e Bases da Educação, chancelada pelo Ministério da Educação, que determinam o ensino da História da África e Cultura afro-brasileira em todas as escolas nacionais.

No ano de 2010, foi sancionada a Lei Federal 12.288, conhecida como Estatuto da Igualdade Racial.

Destinado a garantir à população negra a efetivação da igualdade de oportunidade, a defesa dos direitos étnicos individuais, coletivos e difusos e o combate à discriminação e às demais formas da intolerância étnicas. (ALMEIDA, 2021, p.144).

A vida, a liberdade, a igualdade e a propriedade são valores que devem ser cultivados por toda a humanidade, mesmo que não estejam positivados expressamente, amparados por uma norma jurídica.

Efetivamente, ainda há muito o que se fazer na luta antirracista no Brasil. A estrada é longa, e estudar a história e a obra de escritoras negras brasileiras pode ser um bom caminho a ser seguido nesta batalha. O conhecimento pode nos levar a novas discussões sobre o racismo e aos outros males que vêm atrelados a ele, como o medo, a opressão e o patriarcalismo branco.

Conhecer a vida e a literatura de Carolina Maria de Jesus e de outras escritoras negras, nos leva a mergulhar num rio profundo, no qual, nos deparamos com uma série de obstáculos e surpresas diante de suas vivências e experiências. São autoras que nos incitam a discussões e reflexões pois o negro continuará sendo oprimido enquanto o Brasil não se assumir como uma

nação racista que luta para apagar um passado triste e almeja um futuro sem diferenças raciais.

CAPÍTULO 2

LITERATURA NEGRA NO BRASIL

Qual foi o último livro escrito por um autor negro que você lembra de ter lido? Qual foi o último livro de uma autora negra que você se recorda de ter lido? Quando se fala em autores negros, o que vem à sua cabeça?

Perguntas como essas deveriam ser respondidas rapidamente com números expressivos, se olharmos os nossos indicadores nacionais. Segundo a professora Eunice Prudente (2020), dados do IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas, mostram que 54% da população brasileira é negra. Se o percentual é tão alto, podemos parar e pensar: Por que há tão poucos escritores negros reconhecidos academicamente no Brasil?

Djamila Ribeiro, no livro *Pequeno Manual Antirracista* (2019), diz que os sinais de apagamento da população intelectual negra são evidentes. E da população intelectual negra feminina, é ainda mais evidente. Segundo a autora, é raro que as bibliografias de cursos acadêmicos indiquem mulheres negras, cuja presença no debate universitário e intelectual é extremamente apagado.

No arquivo da literatura brasileira construído pelos manuais canônicos, a presença do negro mostra-se rarefeita e opaca, com poucos personagens, versos, cenas ou histórias fixadas no repertório literários nacional e presentes na memória dos leitores. Sendo o Brasil uma nação multiétnica de maioria afrodescendente, tal fato não deixa de intrigar e suscitar hipóteses em busca de seus contornos e motivações. E já de início se configura de modo inequívoco um dado fundamental para esta reflexão: o fato de o negro estar presente muito mais como *tema* do que como *voz autoral*. (DUARTE, 2013).

Uma presença rarefeita e opaca, são esses os adjetivos utilizados para atribuir a força e a representatividade da literatura negra no Brasil, por Eduardo de Assis Duarte, da Universidade Federal de Minas Gerais.

No ensaio (DUARTE, 2013), o autor deixa claro que falar do apagamento da literatura negra é algo extremamente importante. Um assunto que, infelizmente, está tão à voga nos dias de hoje. Se vivêssemos em uma sociedade mais justa e igualitária, isso, provavelmente, não seria algo que precisasse ser discutido.

A literatura é a arte de contar, de relatar uma história e quase sempre, nós, leitores, não sabemos qual é o rosto de quem pensou naquilo, qual é a cor de quem escreveu aquelas palavras.

As grandes histórias do mundo são contadas por autores e autoras que não, necessariamente, são definidos por cor, por raça ou por credo. Se moramos em um país onde a maioria é negra e a maior parte das pessoas que produzem literatura são brancas, será que a literatura brasileira consegue retratar o que é a sociedade?

Antonio Candido, em seu livro *Literatura e Sociedade* (1975), pensou sobre a relação que as obras têm com o povo e a importância em retratar os recortes da sociedade em que está inserida.

Sabemos, ainda que o externo (no caso, o social) importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, interno. (CANDIDO, 1975, p.19).

Para o autor, o que vem sendo percebido ou intuído por vários estudiosos contemporâneos, é que, ao se interessarem pelos fatores sociais e psíquicos, eles se colocam como agentes da estrutura, não como enquadramento nem como matéria registrada pelo trabalho criador.

Na literatura feita pelos homens brancos, os negros sempre estiveram presentes. Mas essa presença foi muito marcada por personagens retratados como escravos, na bibliografia pré-abolicionista, ou como trabalhadores braçais, do dia a dia, nas obras pós-abolicionistas.

A mulher negra também estava lá, nas mesmas condições dos homens ou em situação de inferioridade, sempre reafirmando os estereótipos que hoje grande parte da sociedade luta para que deixem de existir. Elas eram facilmente retratadas com o papel da mulata sensual ou da mulata ferosa, da negra abnegada, da mulher submissa, da ama de leite, da moça que é uma máquina de trabalhar.

Enquanto forma de aprisionamento social e cultural, o estereótipo petrifica as identidades em figurações de face única, ralas e carregadas de univocidade. Com isto, estabelece uma linha de continuidade entre construções propriamente literárias e um imaginário social eivado de preconceitos. (DUARTE, 2013).

Para a doutora em Letras, Fernanda Rodrigues de Miranda, o negro nunca foi retratado de maneira devida na literatura brasileira. Em sua obra *Silêncios prescritos – Estudo de romances de autoras negras brasileiras*, ela fala sobre o critério utilizado para definir o que é literatura negra, que é quando uma primeira pessoa solicita e/ou declara seu pertencimento racial. E define porque considera declarar-se negro um ato transgressor, mesmo estando na contemporaneidade.

Dizer-se negro no texto literário permanece sendo um ato transgressor na contemporaneidade, porque a razão eurocêntrica segue sustentando invisibilidades através dos tempos, porque a negação do negro continua compondo as políticas governamentais e as micropolíticas cotidianas, e porque o racismo permanece construindo fraturas subjetivas e pautando mortes físicas e mortes mentais. (MIRANDA, 2019, p.20).

Ao mesmo tempo em que o racismo é o responsável por mortes físicas e mentais, a representatividade tem que ser vista como uma forma de interromper esse processo, uma maneira de se mostrar existente. Portanto, escrever, publicar e romantizar sendo um autor negro, independentemente da posição, é uma forma de dizer a que se veio e chamar a atenção para a causa pela qual se está lutando.

Silvio Almeida, em sua obra *Racismo Estrutural* fala da importância da representatividade e como ela pode ser benéfica no combate ao preconceito.

Não há dúvidas de que a representatividade é um passo importante na luta contra o racismo e outras formas de discriminação, e há excelentes motivos para defendê-la. Quem pode duvidar da importância para a luta antidiscriminatória existir uma mulher negra em posições na academia, nos meios de comunicação e no judiciário geralmente associadas a homens brancos? Nesse sentido, a representatividade pode ter dois efeitos importantes no combate à discriminação:

1. Propiciar a abertura de um espaço político para que as reivindicações das minorias possam ser repercutidas, especialmente quando a liderança conquistada for resultado de um projeto político coletivo;
2. Desmantelar as narrativas discriminatórias que sempre colocam minorias em locais de subalternidade. Isso pode servir para que, por exemplo, mulheres negras questionem o lugar social que o imaginário racista lhes reserva.” (ALMEIDA, 2021, p. 109-10).

A representatividade, um termo tão falado e tão estudado nas últimas décadas, é um conceito de extrema importância para a pessoa se ver, se

enxergar como alguém visível que faz algo que tenha uma relevância. No dicionário Aurélio, o termo é definido como qualidade de alguém, de um partido, de um grupo ou de um sindicato, cujo embasamento na população faz que ele possa exprimir-se verdadeiramente em seu nome (2010).

Em um universo literário, como o brasileiro, onde há poucas publicações de autores negros, se ver publicado já é um grande salto. Ser mulher, negra e conseguir publicar um livro é um desafio ainda maior nos dias de hoje.

Se em 2021 essa é uma questão muito discutida, para as primeiras autoras negras brasileiras conseguir ter relevância literária acadêmica era algo ainda mais difícil. Mas este caminho árduo, por mais difícil que pode ter sido, foi trilhado por mulheres pioneiras, a partir do fim do século XIX.

2.1 AUTORAS NEGRAS BRASILEIRAS

Se pararmos para analisar os grandes nomes da literatura negra feminina nos séculos passados, até a década de 1960 (antes dos movimentos estudantis de 1968) vemos poucos ou quase nenhum nome de destaque no Brasil.

É outro o lugar do negro na literatura de autoria negra. E aqui, toma-se como premissa o reconhecimento da existência de um segmento específico – afro-identificado – presente em nossa produção literária. Esta vertente negra ou afro-brasileira se constitui aos poucos, como processo e devir, tendo como marco inicial o trabalho dos precursores Domingos Caldas Barbosa e sua *Viola de Lereno*, ainda no século XVIII; Luiz Gama, com suas *Trovas Burlescas de Getulino* (1859); e Maria Firmina dos Reis, cujo romance *Úrsula* (também de 1859) traz pela primeira vez às nossas letras a África e o porão do navio negreiro. (DUARTE, 2013).

Maria Firmino dos Reis abriu a estrada que anos mais tarde seria percorrida por Ruth Guimarães e por Carolina Maria de Jesus. Um caminho pioneiro que permitiu ao leitor conhecer as histórias de um outro modo, de um jeito específico e único, contado por quem vive o preconceito diariamente, por quem tem nos seus antepassados o capítulo mais vergonhoso da história nacional: os mais de 300 anos de escravidão.

2.1.1 MARIA FIRMINA DOS REIS

Considerada por muitos acadêmicos a primeira romancista brasileira, Maria Firmina dos Reis nasceu em 1822, em São Luís, no Maranhão, e morreu

aos 95 anos, em 1917, na cidade de Guimarães, também no Maranhão. Até hoje, não há nenhuma imagem atribuída à autora.

A escritora, que também foi professora durante quase toda a vida, viveu em um lar feminino, cercado pelas mulheres da família. Foi a primeira professora efetiva a integrar oficialmente os quadros do magistério maranhense e fundou a primeira escola mista do país.

O primeiro e único livro publicado em vida foi o romance *Úrsula*, em 1859. Na primeira edição da obra, não há o nome da autora. Apenas uma referência a uma maranhense. O livro conta história de amor entre dois jovens: a pura e simples *Úrsula* e o nobre bacharel Tancredo.

Pensadora ativa no seu contexto, escritora de múltiplos gêneros, artista de vários talentos. É autora do primeiro romance escrito por uma mulher no Brasil, que também é o primeiro romance abolicionista em língua portuguesa. Este pioneirismo, contudo, por algum tempo foi alvo de disputa entre os críticos e historiadores, deixando em evidência a dificuldade crítica em aceitar, ou assumir, que tal lugar pudesse pertencer a uma mulher negra. (RIBEIRO, 2019, p.74).

Apesar de ter sido comentada pela imprensa na época do lançamento, o romance foi totalmente esquecido por mais de um século. Somente em 1975 surgiu a segunda edição (fac-similar) do romance. (RIBEIRO, 2019, p. 77).

Ninguém sabe o que ocorreu para se dar o silenciamento de uma autora tão importante para a história da literatura nacional. A recuperação da obra da escritora deve seu mérito à pesquisa de Nascimento Moraes Filho, na década de 1970.

Descobrimo-la, casualmente, em 1973, ao procurar nos bolorentos jornais do século XIX, na “Biblioteca Pública Benedito Leite”, textos natalinos de autores maranhenses para nossa obra, “Esperando a Missa do Galo”. Embora participasse intensamente da vida intelectual maranhense publicando livros ou colaborando quer em jornais e revistas literárias quer em antologias – “Parnaso Maranhense”- cujos nomes foram relacionados, em nota, sem exceção, por Sílvio Romero, em sua História da Literatura Brasileira, registrada no cartório intelectual de Sacramento Blake – o “Dicionário Bibliográfico Brasileiro”- com surpreendentes informações, quase todas ratificadas em nossa pesquisa, Maria Firmino dos Reis, lida e aplaudida no seu tempo, foi como que por amnésia coletiva totalmente esquecida: o nome e a obra. (MORAES FILHO, 1975, s/n).

2.1.2 RUTH GUIMARÃES

Autora de apenas um romance, mas dona de importantes títulos e de muitos poemas e crônicas, Ruth Guimarães nasceu na cidade de Cachoeira Paulista, no interior de São Paulo, em 1920. Morreu aos 93 anos, no mesmo município, no ano de 2014.

O romance *Água Funda* foi publicado em 1946 e teve uma grande repercussão na época. Era uma trama rural, que misturava elementos fantásticos com reais. A autora, filósofa por formação, trabalhou muitos anos na imprensa e foi cronista de revista e jornais. (MIRANDA, 2019, p. 116).

Como água correndo entre pedras, Ruth Guimarães abriu caminhos no seu tempo, criou trilhas onde pouca estrada existia. Foi (senão a) uma das primeiras escritoras negras a ocupar espaço nacional no cenário da literatura brasileira, isto é, a tornar-se visível no mundo público de circulação de discursos enquanto autora de literatura. (MIRANDA, 2019, p. 115).

Ruth Guimarães foi a primeira romancista negra publicada depois da abolição da escravidão. Ela passou a vida dedicada ao conhecimento e à palavra escrita, e publicou mais de quarenta obras, entre poesia, ficção, não-ficção e traduções.

2.2 MAPEAMENTO DA LITERATURA BRASILEIRA FEMININA NEGRA

Após as publicações de Maria Firmina dos Reis e de Ruth Guimarães, as obras de mulheres negras brasileiras só ganharam os holofotes da mídia na década de 1960, com o surgimento de Carolina Maria de Jesus. Mas o legado deixado por essas mulheres pioneiras se mostrou eficaz e até hoje reverbera na literatura feminina negra contemporânea.

Apesar de já ter se passado 162 anos da primeira publicação de Úrsula (a primeira menção à obra é de 1859), não é comum encontrar escritoras negras que para conseguirem ver suas obras publicadas têm de deixar as editoras mais tradicionais. Em seu próprio meio foi se criando maneiras de difundir as suas histórias, seja pela internet ou em editoras menores, criadas com esse intuito, que são classificadas como periféricas.

A escritora Fernanda Miranda, autora da obra *Silêncios Prescritos: estudo de romances de autoras negras brasileiras*, considera que mapear essas obras

e essas autoras é uma maneira de fazer um resgate que vai dialogar com o futuro, com as novas gerações que estão se formando e que virão a se formar.

Ao mapear a inscrição da mulher negra em um gênero propício à produção de leituras sobre as sociedades e sobre as subjetividades, adentramos um roteiro de encruzilhadas e caminhos abertos, onde o que foi silenciado toma a cena central, e o que foi esquecido emerge em memórias insubmissas. Lido de forma comparada, o corpus produz um entendimento sobre um tempo que precisa estar visível e em comunicação para ser assimilado ao pensamento crítico presente. O corpo de romances de autoras negras brasileiras visível e em circulação nos permite decantar um entendimento raro, que tem sido cultivado por mulheres negras há muito tempo: para saber onde vais, olha para trás e saibas de onde veio, pois nossos passos vêm de longe. (MIRANDA, 2019, p. 327-8).

Saber de onde veio é, segundo Fernanda Miranda (2019), um dos fatores para conseguir ser publicada e ganhar notoriedade.

E foi justamente reafirmando de onde veio e mostrando para todos as suas origens, que Carolina Maria de Jesus entrou para a história da literatura brasileira. Por causa de suas publicações, da fama e do anonimato, ela se tornou um dos principais nomes da literatura brasileira do século XX.

CAPÍTULO 3

A OBRA E A MATERNIDADE EM QUARTO DE DESPEJO

3.1 VIDA E OBRA DE CAROLINA MARIA DE JESUS

Mineira da cidade de Sacramento, Carolina Maria de Jesus nasceu no dia 14 de março de 1914. Exatos 25 anos, 10 meses e 1 dia após a abolição da escravatura no Brasil.

Apesar de nunca ter sido escravizada, os problemas gerados em um país que viveu séculos sob o regime escravocrata resvalaram na escritora do início ao fim da vida dela. Os pais de Carolina, João Candido Veloso e Dona Maria Carolina de Jesus, conhecida como dona Cota, também nasceram após a abolição. Os avós foram, por um período, pessoas escravizadas. Pouco se sabe sobre os avós paternos dela, já sobre o avô materno, Benedicto, os biógrafos conhecem um pouco mais. É que Carolina falou sobre ele em algumas obras e manteve importantes laços afetivos com a parte materna da família.

Benedicto carregava ainda o pesado sobrenome “Silva” do seu antigo senhor, que lhe deu uma carta de alforria, após ter a vida salva de um ataque de cobra pelo subserviente escravo. Era de origem africana, filho de pais africanos, talvez da última geração de negros vindos para o Brasil nos famigerados navios negreiros, ou, ainda, igualmente conhecidos como tumbeiros, analogia à tumba, certamente pelo grande número de mortes que provocava, durante sua travessia pelo oceano Atlântico. O avô era da leva originária de Cabinda, em Angola. A população Cabinda pertence na sua quase totalidade aos povos bantus, a um grupo chamado antigamente de Fiole, cuja língua, a cabinda, localmente também conhecida como ibinda, é considerada um dialeto kikongo. (FARIAS, 2018, p. 24).

Carolina Maria de Jesus ganhou um codinome logo cedo. Desde que nasceu era chamada pela família pelo apelido de Bitita. A garota passou a maior parte da infância morando com a mãe e o padrasto, Osório Pereira. Também fazia parte desse núcleo familiar primário da escritora o meio irmão, chamado Jerônimo.

A família tinha uma vida de muita pobreza e a mãe realizava diversos trabalhos, em sua maioria, ligados a afazeres domésticos.

Essa gente humilde viva de serviços da roca, nos sítios e fazendas locais. Outra parte servia como empregados, nas casas dos senhorios, para dar conta das tarefas de casa. Eram

trabalhos que tomavam praticamente todo o dia, e era muito trabalho por fazer, todos os dias. (FARIAS, 2018, p. 43).

E foi justamente a vida profissional da mãe, apesar de simples, que propiciou que a jovem menina fosse alfabetizada.

Dentro do cenário de poucas oportunidades profissionais que lhe eram oferecidas, dona Cota, conseguiu um emprego na casa de uma família considerada abastada em Sacramento. Ao ir trabalhar, como não tinha com quem deixar a filha, costumava levá-la no trabalho. Carolina era inquieta e vendo que a menina atrapalhava os afazeres domésticos da empregada, no ano de 1921, a nova patroa de dona Cota decidiu matricular a criança no Colégio Allan Kardec. Segundo Farias (2018), A mãe da escritora resistiu a essa ideia no início, mas por insistência da patroa branca e impositiva, achou melhor aceitar o agrado, sem imaginar que com esse aceite, o aceite à alfabetização da filha, ela estava dando o pontapé inicial de uma história que aquela menina, que viraria uma mulher tão importante, iria contar e iria se fazer ser ouvida décadas depois.

Carolina de fato se tornou uma aluna aplicada e disciplinada, levando-a a uma paixão incondicional pelos estudos e pelos livros até o final da vida. No início relapsa com os estudos, faltando às aulas, passou a ser uma das primeiras alunas, em assiduidade e no aprendizado das lições. (FARIAS, 2018, p. 49).

Mas o período na escola foi curto, não chegou a dois anos. É que pouco tempo depois de estar empolgada com os estudos e com as leituras, Carolina precisou seguir a mãe em mais um capítulo da luta pela sobrevivência: a troca de emprego. Era uma nova oportunidade profissional, dessa vez fora da pequena cidade de Sacramento. A então menina Bitita foi obrigada a acompanhar a mãe e nunca mais frequentou uma escola.

Jovem, ingênua e, sobretudo, sonhadora, Carolina sempre acreditou que podia vencer e mudar de vida apenas usando sua força produtiva de seu trabalho. Por isso, afirmava que sempre acordava bem cedo e procurava ser prestativa e educada com seus patrões. Mas foi inúmeras vezes enganada e humilhada, vítima de preconceito racial e de acusações de roubo. Esses percalços podem ter sido a causa de um outro traço da personalidade da escritora: ela tornou-se uma pessoa muito amargurada com tudo e com todos, além de desconfiada e seca.

Aos 16 anos saiu de Sacramento e seguiu para cidade de Ribeirão Preto, no interior de São Paulo. Por onde passava, ia colecionando livros, dicionários e passava quase todo dia com eles nas mãos.

Pouco tempo depois da partida para o interior, a então jovem Carolina decide voltar para Sacramento. De volta à cidade natal, tem que administrar seu jeito de viver e de pensar com o de parentes que nunca haviam saído da pequena cidade e que estranhavam as atitudes da jovem.

Foi após esse retorno, num dia comum, quando ela lia um livro sentada na sarjeta na frente de casa, que ocorreu um fato que a marcaria para sempre: a prisão.

Segundo Farias (2018), Carolina lutava contra uma doença desconhecida, que enchia suas pernas de feridas, e ela era alvo de chacotas constantes dos garotos da cidade. O desprezo dos conterrâneos, somado à falta de empatia de primas e tias, resultou na injusta acusação de um crime que nunca existiu.

Sem se dar conta, já tinha virado alvo dos moleques que a haviam abordado na porta de casa e que foram intrigá-la para a polícia, no caso um sargento, dizendo para ele que ela o xingou de “farrapo”, acrescentando que, para Carolina, a polícia tinha um problema, porque só prendia os pobres”. O tal sargento abordado pelos rapazes, por acaso do destino, era compadre da sua prima Leonor, esta talvez também, como outras parentas, desafeta de Carolina. (FARIAS, 2018, p. 94).

A jovem foi presa sob a acusação de chamar os policiais de “farrapo” e sua mãe, desesperada, ao pedir clemência pela filha, acabou sendo detida junta. Foram muitos dias de sofrimento, de trabalho forçado e de espancamentos. Dona Cota chegou a quebrar o braço durante uma das surras que levou dentro da delegacia. Após esse triste episódio, a comprovação da inocência da dupla, mãe e filha decidem ir embora para o interior paulista, para a cidade de Franca, em busca de novas oportunidades profissionais.

Depois de passar muita necessidade ao lado da filha, a mãe de Carolina decidiu voltar para Sacramento, sem a filha. A futura escritora fica no interior de São Paulo e consegue, então, uma nova oportunidade. Ir à cidade que a consagraria no futuro: São Paulo. A viagem só ocorreu pois ela recebeu uma proposta de trabalho na capital paulista, a indicação para trabalhar, novamente como empregada doméstica, na casa de um casal.

Sua chegada a São Paulo de imediato, na Estação da Luz, lhe causou as melhores impressões (“gostei da cidade”), pois para ela, diante do que via, ali era o “eixo do Brasil”, ou a “espinha dorsal do nosso país”. Chovia, e a afluência das pessoas na estação a estava deixando “atônita”. Escreveu que tinha a impressão de estar transferindo-me de um planêta (sic) para outro. (FARIAS, 2018, p. 109).

O emprego com os novos patrões não durou muito tempo e Carolina foi empregada doméstica em muitas outras casas, de muitas famílias de São Paulo. Nos piores momentos, morou na rua e em cortiços.

Chegou a publicar textos em jornais e periódicos da época e era conhecida, em algumas redações, por insistir para que os redatores lessem seus escritos.

No fim de 1948, já grávida do primeiro filho, chegou à favela do Canindé. Ela ainda não podia imaginar, mas o local foi o cenário do que seria, anos mais tarde em seu primeiro e maior sucesso editorial, o livro *Quarto de Despejo – diário de uma favelada*.

Foi vivendo na antiga Favela do Canindé que ela viu os três filhos nascerem. Ela costumava anotar tudo o que ocorria na sua vida, na vida dos vizinhos e na vida dos filhos em diários.

Em 1958, o então repórter do jornal *Folha da Noite*, Audálio Dantas, foi visitar a comunidade em buscar de histórias para novas reportagens. Logo que chegou foi impactado no que viu nas mãos de Carolina, como ele contou, no prefácio da décima edição de *Quarto de Despejo – diário de uma favelada*.

A história da favela que eu buscava estava escrita em uns vinte cadernos encardidos que Carolina guardava em seu barraco. Li, e logo vi: repórter nenhum, escritor nenhum poderia escrever melhor aquela história – a visão de dentro da favela. (apud JESUS, 2014, p. 03).

Os textos escritos por Carolina foram publicados no jornal *Folha da Noite* e depois na revista *O Cruzeiro*. Dois anos depois, em 1960, tudo foi reunido no livro que virou o maior sucesso da autora, *Quarto de Despejo – diário de uma favelada*.

Carolina Maria de Jesus entrou no mundo das letras de forma avassaladora. *Quarto de despejo – diário de uma favelada* (1960), seu livro de estreia, é uma obra paradigmática para a

história editorial no Brasil. Os dados que o tornam um dos nossos maiores best-sellers nacionais são bastante conhecidos. A primeira tiragem, que inicialmente seria de 3.000 livros, passou a 30.000, esgotada em três meses somente em São Paulo. (MIRANDA, 2019, p. 159/160).

O sucesso do livro foi tão grandioso para a época que Carolina virou uma celebridade do dia para a noite. Conseguiu dinheiro para viver com os filhos, começou a frequentar programas de rádio e de televisão e comprou a primeira casa própria, na Zona Norte da capital paulista.

O sucesso editorial se estendeu para o exterior. *Quarto de Despejo – diário de uma favelada* foi publicado nos seguintes países: Dinamarca, Holanda, Argentina, França, Alemanha, Suécia, Itália, Checoslováquia, Romênia, Inglaterra, Estados Unidos, Japão, Polônia, Hungria, Cuba e União Soviética.

Carolina Maria de Jesus, incluída no cânone como margem, sempre esteve na periferia do centro. Trata-se de uma autora que viabiliza intensamente as marcas da condição nacional racista dentro do sistema literário brasileiro. Quando surgiu, entre o fim da década de 1950 e o começo de 1960, imediatamente tornou-se um fenômeno midiático, em primeiro lugar porque escrevia, em segundo, porque escrevia sobre si em primeira pessoa, narrando as mazelas de um cotidiano urbano desconhecido pela própria metrópole à altura – a favela. (MIRANDA, 2019, p. 161).

O sucesso editorial denotava o interesse de público e da mídia pela narrativa de denúncia. O que também chamava a atenção na época era o retrato cru da fome na cidade que, na época, era considerada como a mais próspera do país. Miranda (2019) também explicou que Carolina Maria de Jesus irrompeu um quadro nacional histórico de desigualdade para com a mulher negra e que o fato de ela ter apenas dois anos de estudo formal – o que correspondia à situação sistemática de restrição do acesso à educação para as mulheres negras – foi o que sustentou por muito tempo a marginalização no sistema literário, comprovando o caráter elitista e restritivo desse sistema.

Carolina Maria de Jesus instaura no texto nacional a experiência histórica do sujeito marginalizado na modernidade, dando a ver a condição profunda da colonialidade brasileira ao mostrar a desigualdade (racial, de gênero e de classe) no epicentro do espaço moderno; dessa forma desvelando as várias faces do desenvolvimento ao apresentar o lado opressor e violento da metrópole São Paulo em meados do século XX, quando o progresso dava o tom das políticas materiais e discursivas da

cidade. Em suma, depois das linhas de Carolina Maria de Jesus, o consenso diante da ideia da “metrópole do progresso”, tornou-se inviável, pois sua escrita deflagrou o outro lado da modernidade: a colonialidade. (MIRANDA, 2019, p. 163/1640).

Depois do primeiro sucesso, a escritora publicou outros três livros enquanto estava viva. No ano de 1961 foi lançado o livro *Casa de alvenaria: Diário de uma ex-favelada* e, dois anos depois, em 1963, mais dois títulos: *Pedaços de fome* e *Provérbios*.

No ano de 1969, após sete anos sem conseguir publicar, a escritora saiu da Zona Norte. Ela se instalou em um sítio na zona sul, na região de Parelheiros, onde morou até morrer, em 13 de fevereiro de 1977, vítima de insuficiência respiratória.

Depois de sua morte, mais 6 livros foram publicados. Hoje, Carolina Maria de Jesus soma 10 livros de sua autoria e um disco de samba, com composições próprias.

3.2 O ESPÓLIO E O LEGADO

Se estivesse viva, Carolina Maria de Jesus completaria, em 2022, cento e seis anos. Um dos reflexos de sua curta formação acadêmica pode ser sentido na maneira peculiar com que ela escreveu os seus livros. Muitas frases escritas pela autora não estão dentro do que se considera correto, de acordo com a norma culta da Língua Portuguesa.

No ano de 2020, a editora Companhia das Letras anunciou a reedição e o relançamento de parte da obra da autora. A série *Cadernos de Carolina* está sendo supervisionada por um conselho editorial especial, reunindo Vera Eunice de Jesus, filha de Carolina, e a escritora Conceição Evaristo, com as pesquisadoras Amanda Crispim, Fernanda Felisberto, Fernanda R. Miranda e Raffaella Fernandez.

O primeiro volume da série foi o relançamento da obra *Casa de Alvenaria*, que havia sido publicada, originalmente, em 1961. O conselho editorial decidiu manter o jeito que a autora escrevia, diferenciando-se da primeira edição, editada por Audálio Dantas, o jornalista que divulgou o trabalho da autora ao mundo.

A decisão tem camadas. Conservar desvios gramaticais não intencionais, evitando encurtar sua distância para a norma culta

como se fez no passado, torna Carolina um caso à parte no mercado editorial. No entanto, é uma ideia bem mais fácil de defender do que a de preservar uma miríade de grafias alternativas sem valor autoral aparente, das esdrúxulas (“refeição”, “ladrões”) às banais (“mêsa”, “cabêça”, “moralisadôr”). (RODRIGUES, Sérgio, 2021).

Na década de 1960, Carolina Maria de Jesus ganhou o título de cidadã paulistana, concedida pela Câmara de Vereadores de São Paulo. E no dia 25/02/2021, mesmo só com dois anos de Ensino Fundamental concluídos, ela conseguiu o seu primeiro grande título acadêmico. A Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) concedeu o título de Doutora Honoris Causa à escritora.

No dia 25 de setembro, Carolina Maria de Jesus ganhou uma grandiosa exposição. Pela primeira vez, a vida e a obra da escritora saíram dos livros e foram parar em uma das principais salas de exposição de São Paulo. A mostra "Carolina Maria de Jesus: um Brasil para os brasileiros" ocupa dois andares do Instituto Moreira Sales, na Avenida Paulista, até o início de 2022. A Mostra reúne mais de 300 itens, entre fotos, manuscritos, vídeos e documentos. Também traz muitos textos inéditos da autora. Para esta exposição, 50 artistas plásticos contemporâneos também produziram peças que de alguma maneira conversam com os escritos de Carolina.

Também no ano de 2022, haverá mais homenagens. A escola de samba Colorado do Brás, do Grupo especial das escolas de samba de São Paulo, vai levar para a avenida o enredo: Carolina – a cinderela negra do Canindé. Cerca de 3 mil integrantes devem defender o samba que enaltece a escritora, ao lado de onde ela viveu, a antiga favela do Canindé, no bairro de Santana, local que ela escolheu morar quando conseguiu conquistar a primeira casa própria.

3.3 A MATERNIDADE EM QUARTO DE DESPEJO

Carolina Maria de Jesus foi mãe de três filhos: Vera Eunice, João José e José Carlos. Cada um tinha um pai e todos foram criados apenas por ela, que nunca se casou oficialmente e desempenhava o papel de pai e de mãe dentro e fora de casa.

A escritora perdeu a própria mãe cedo, estima-se que tenha sido no ano de 1937. Ela ficou órfã aos 22 anos, quando já estava vivendo em São Paulo há cerca de um ano. A avó não conheceu nenhum dos netos e há poucas menções

sobre ela no livro *Quarto de Despejo – diário de uma favelada*. Já sobre os filhos, da primeira à última página da obra, há muitos trechos onde a maternidade se faz latente.

Apesar de ser considerada, por biógrafos, uma mulher dura – o que pode ser reflexo da realidade que era obrigada a encarar, Carolina Maria de Jesus já começa o livro mostrando ternura e preocupação materna com a filha mais nova, Vera Eunice. No primeiro parágrafo do livro há um relato sobre o aniversário da filha e ela também fala da necessidade em colocar comida em casa e como a falta de dinheiro a obriga a fazer escolhas que nem sempre são as que ela gostaria de ter feito.

Aniversário de minha filha Vera Eunice. Eu pretendia comprar um par de sapatos para ela. Mas o custo dos generos alimenticios (sic) nos impede a realização dos nossos desejos. Atualmente somos escravos do custo de vida. Eu achei um par de sapatos no lixo, lavei e remendei para ela calçar. (JESUS, 2014, p. 11).

Neste primeiro parágrafo do livro, Carolina já demonstra ao leitor a importância da maternidade no seu dia a dia ao se preocupar com o presente que retirou do lixo para dar à filha no dia do aniversário. Na primeira frase do livro ela não fala de si mesma, da fome ou de algum problema que está enfrentando. Ela começa falando do aniversário da filha, o que reflete a importância do significado da maternidade para a escritora.

Assim como em todo o texto, em todo o livro, a ternura materna não é retratada de maneira convencional. A autora costuma ser dura com os filhos, não há muitas cenas e nem diálogos de carinho, de demonstrações amorosas. *Quarto de Despejo – diário de uma favelada* é recheado de preocupação em relação à comida, à educação, o que subliminarmente é uma forma de carinho de uma mãe com os filhos. O parágrafo destacado acima é um exemplo disso, não tem diálogo, mas é carregado de um forte tom emocional, o que também já leva o leitor a conhecer a condição social de Carolina.

Como o texto é escrito em forma de diário, algumas datas se repetem. No ano seguinte, a autora também fala sobre o aniversário da filha caçula. Em mais um trecho sem diálogo ela utiliza a figura de linguagem como recurso linguístico para descrever o momento uma atitude que ela enxerga como impossível.

Hoje é o aniversário (sic) de minha filha Vera Eunice. Eu não posso fazer uma festinha porque isto é o mesmo que querer agarrar o sol com as mãos. Hoje não vai ter almoço. Só jantar. (JESUS, 2014, p. 93).

O uso do termo “querer agarrar o sol com as mãos” foi utilizado para mostrar algo inimaginável para Carolina e para a família dela. Fazendo o uso deste recurso linguístico, Carolina aproxima ainda mais a sua escrita com o leitor e faz com que ele enxergue, de outro modo, as impossibilidades que a vida impõe para ela.

No ano seguinte, novamente o aniversário da filha é retratado. E dessa vez, um outro recurso utilizado é adicionado ao texto para retratar a cena: o diálogo. A autora descreve uma conversa com a filha. É um diálogo longo, se compararmos com os outros presentes no livro, que costumam ser de uma ou duas frases em cada cena. Neste trecho destacado abaixo, a autora utiliza sete frases onde o tom emocional também é muito forte. A utilização de frases curtas - outra característica presente em quase todo o livro, causa um impacto emocional mais rápido no leitor, já que a mensagem é recebida e compreendida sem a necessidade de grandes reflexões.

Quando eu deixava o leito a Vera já estava acordada e perguntou-me:

- Mamãe, é hoje que faço anos?
- É. E meus parabéns. Desejo-te felicidades.
- A senhora vai fazer um bolo para mim?
- Não sei. Se eu arranjar dinheiro... (JESUS, 2014, p. 182)

... Eu fritei peixe e fiz polenta para os filhos comer (sic) com peixe.

Quando a Vera chegou viu a polenta dentro da marmitta e perguntou:

- E o bolo? Hoje eu faço anos!
- Não é bolo. É polenta.
- Polenta eu não gosto.

Ela trouxe leite. Eu dei-lhe leite com polenta. Ela comeu chorando. Quem sou eu para fazer bolo? (JESUS, 2014, p. 183).

Mais uma vez, nesta cena de aniversário, há o uso do recurso linguístico figura de linguagem, que também tem uma forte influência no tom emocional, pois aproxima o leitor da intimidade dos personagens, o leva para dentro da cena. Ao usar o termo “Ela comeu chorando”, Carolina permite duas interpretações. A primeira é de que a filha, literalmente, comeu a polenta chorando, escorrendo lágrimas dos olhos. E a segunda interpretação é se

pensarmos no termo “comeu chorando” como uma figura de linguagem, interpretando que o choro foi apenas o termo escolhido para descrever a tristeza da criança diante da falta do tão desejado bolo no dia do aniversário.

Ao longo das páginas de *Quarto de Despejo – diário de uma favelada*, há momentos em que a possibilidade de faltar comida para ofertar aos filhos deixa Carolina atordoada. Nessas descrições, o uso de uma linguagem simples e curta continua, a autora novamente, ao utilizar esse recurso, traz um tom emocional à escrita.

A cena destacada abaixo não tem diálogos para descrever o que está ocorrendo. É utilizada uma linguagem indireta, é a descrição de um pensamento que traz uma descrição social da vida da personagem principal. Ela conta ao leitor como se sente em um dia em que pressente que terá dificuldades no trabalho por causa da chuva. E esse pressentimento é representado com uma descrição de sentimentos, com a vontade de morrer.

Eu hoje estou triste. Estou nervosa. Não sei se choro ou se saio correndo sem parar até cair inconciente (sic). É que hoje amanheceu chovendo. E eu não saí para arranjar dinheiro. Passei o dia escrevendo. Sobrou macarrão, eu vou esquentar para os meninos. Cosinhei (sic) as batatas, eles comeram. Tem uns metais e um pouco de ferro que eu vou vender no Seu Manuel. Quando o João chegou da escola eu mandei ele (sic) vender os ferros. Recebeu 13 cruzeiros. Comprou um copo de água (sic) mineral, 2 cruzeiros. Zanguei com ele. Onde já se viu favelado com estas finezas. (JESUS, 2014, p. 41)?

Em outro momento, a autora escreve no livro que seu estado de humor muda quando há comida em casa. Uma mudança reflete diretamente na produção da escrita dela.

Hoje eu fiz almoço. Quando tem carne... eu fico mais animada. Mas, quando é polenta eu já sei que vou ter complicações com as crianças. Feijão, arroz e pasteis (sic). Já faz tempo que os meninos estão pedindo pasteis (sic). O João está sorrindo atoa (sic). Os pasteis (sic) é (sic) um acontecimento aqui em casa. (JESUS, 2014, p. 55).

Ao longo de todo o livro, Carolina traz retratos que podemos classificar como intimistas, ao descrever situações corriqueiras com os filhos.

A falta de comida é constante, mas há cenas em que a alimentação está presente em casa. Quando há o que dar para os filhos comerem, a carga emocional utilizada para descrever momentos de fome parece que é deixada de

lado. As frases desses trechos são apenas momentos de registro de um dia comum, é como se a comida suprisse a sensação de desespero, que sempre está presente nas quase duzentas páginas da obra.

Preparei a refeição matinal. Cada filho prefere uma coisa. A Vera, mingau de farinha de trigo torrada. O João José, café puro. O José Carlos, leite branco. E eu, mingau de aveia. (JESUS,2014, p. 13).

Os meninos tomaram café e foram a (sic) aula. Eles estão alegres porque hoje teve café. Só quem passa fome é que dá valor a (sic) comida.

Eu e a Vera fomos catar papel. Passei no Frigorífico (sic) para pegar linguiça. Contei 9 mulheres na fila. Eu tenho a mania de observar tudo, contar tudo, marcar os fatos. (JESUS, 2014, p. 53).

No próximo trecho do livro, transcrito abaixo, fica muito clara a divisão do estilo de escrita utilizada por Carolina Maria de Jesus. No início e no final da cena, ela fala sobre a fome dos filhos. No começo, ao descrever a preferência das crianças por pão mole, a escritora utiliza a já usual escrita simples, direta e curta. Ao falar da cidade de São Paulo, no meio da cena, ela volta a utilizar as figuras de linguagem. Se refere à cidade de São Paulo com uma rainha, aos arranha-céus como coroas e à favela como uma meia de seda.

Depois da descrição da cidade em que vive, a autora volta a falar da fome. E sem firulas, retoma o estilo simples, curto e direto do início do trecho. No final, para dar um tom emocional ainda mais forte ao momento, retrata um diálogo que teve com a filha, utilizando um discurso direto, sobre a oferta de comida em casa.

... Os menino come (sic) muito pão. Eles gostam de pão mole. Mas quando não tem eles comem pão duro.

Duro é o pão que nós comemos. Dura é a cama que dormimos. Dura é a vida do favelado.

Oh! São Paulo rainha que ostenta vaidosa a tua coroa de ouro que são os arranha-céus. Que veste iludido e seda e calça (sic) meias de algodão que é a favela.

... O dinheiro não deu para comprar carne, eu fiz macarrão com cenoura. Não tinha gordura, ficou horrível (sic). A Vera é a única que reclama e pede mais. E pede:

- Mamãe, vende eu para a Dona Julita, porque lá tem comida gostosa. (JESUS, 2014, p. 41/42).

Além da comida comprada com o dinheiro arrecada pelo trabalho como catadora de papéis, para que a família não passe fome, em muitos momentos é

preciso aceitar ajuda. Os filhos, frequentemente, vão às entidades assistenciais em busca de alimentos, de doações. E mais uma vez, a simplicidade na construção das frases continua.

No centro Espirita (sic) a fila já estava enorme quando nós chegamos. (...) Os 10 filhos de uma nortista estavam pedindo pão. A Dona Maria Preta deu 15 cruzeiros para ela. Ela foi comprar pão. A doação ajuda em casa. (JESUS, 2014, p. 145).

Outra característica marcante no livro *Quarto de Despejo – diário de uma favelada* é o constante uso da oralidade. Em discursos diretos ou indiretos, ela está presente em quase toda a obra.

No trecho abaixo, Carolina Maria de Jesus retrata o momento em que o filho encontra uma sacola de biscoitos no lixo. E as divagações que ela tem sobre o perigo de se consumir um alimento sem saber da origem é feito com um autoquestionamento. Nesta cena, ela conduz o leitor para o interior da própria autora. É que a escritora reproduz exatamente o jeito que está seu pensamento naquela situação, as perguntas que ela faz para si mesma, o que aproxima o leitor do texto e do pensamento dela e dá o tom oral, mesmo sem ter a reprodução de uma fala direta.

... Troquei a Vera e saímos. Ia pensando: será que Deus vai ter pena de mim? Será que eu arranjo dinheiro hoje? Será que Deus sabe que existe (sic) as favelas e que os favelados passam fome?

... O José Carlos chegou com uma sacola de biscoitos que catou do lixo. Quando eu vejo eles (sic) comendo as coisas do lixo penso: E se tiver veneno? É que as crianças não suporta (sic) a fome. Os biscoitos estavam gostosos. Eu comi pensando naquele proverbio (sic): quem entra na dança deve dançar. E como eu também tenho fome, devo comer. (JESUS, 2014, p. 46/47).

Ao longo do livro, Carolina também narra situações de desejo das crianças, quando elas veem comida nas ruas. Ao mesmo tempo em que ela se ressentia pelas precárias condições de vida, sempre que pode, acaba cedendo e comprando o alimento que os filhos querem. Em alguns momentos, depois dessa compra imprevista, ela tem raiva de si mesma e chora pela situação que a vida impôs para ela e para os filhos.

Para retratar esse momento, mais uma vez ela utiliza o mesmo recurso do trecho destacado acima. Carolina descreve as questões que permeiam o seu próprio pensamento, como se fosse um diálogo dela com ela mesma e o leitor assistisse tudo como um espectador.

Quando eu estava no ponto do bonde a Vera começou a chorar. Queria pasteis (sic). Eu estava só com 10 cruzeiros, 2 para pagar o bonde e 8 para comprar carne moída (sic). A Dona Geralda deu-me 4 cruzeiros para eu comprar pasteis (sic), ela comia e cantava. E eu pensava: o meu dilema é sempre a comida! Tomei o bonde. A Vera começou a chorar porque não queria ir em pé e não tinha lugar para sentar.

... Quando eu estou com pouco dinheiro procuro não pensar nos filhos que vão pedir pão, pão, café. Desvio meu pensamento para o céu. Penso: será que lá em cima tem habitantes? Será que o predomínio (sic) de lá suplanta o nosso? Será que as nações de lá é (sic) variada igual aqui na terra (sic)? E se lá existe favela, será que quando eu morrer eu vou morar na favela? (JESUS, 2014, p. 50).

Ao ler a notícia de que uma mulher, mãe de três filhos, se suicidou porque não havia comida em casa, Carolina fica abalada. E se questiona sobre as alternativas que essa mulher poderia ter optado antes de tomar esta atitude trágica. Ela também faz uma analogia sobre a situação da suicida com ela própria e mais uma vez descreve como se sente ao perceber que não tem comida em casa para dar aos filhos. Tudo isso é feito com a utilização dos mesmos recursos utilizados nos exemplos anteriores, a descrição dos pensamentos da autora.

Fui comprar carne, pão e sabão. Parei na banca de jornaes (sic). Li que uma senhora e três filho (sic) havia suicidado por encontrar dificuldade de viver. A mulher que suicidou-se não tinha alma de favelado, que quando tem fome recorre ao lixo, cata verduras nas feiras, pede esmola e assim vão vivendo. Pobre mulher! Quem sabe se de há muito (sic) ela vem pensando em eliminar-se, porque as mães tem (sic) muita dó dos filhos. Mas é uma vergonha para uma nação. Uma pessoa matar-se porque passa fome. E a pior coisa para uma mãe é ouvir esta sinfonia:

- Mamãe eu quero pão! Mamãe, eu estou com fome!

Penso: será que ela procurou a Legião Brasileira ou o Serviço Social? Ela devia ir nos palacios (sic) falar com os manda chuva (sic).

A noticia (sic) do jornal deixou-me nervosa. Passei o dia chingando (sic) os politicos (sic), porque eu tambem (sic) quando não tenho nada para dar aos meus filhos fico quase louca. (JESUS, 2014, p. 62).

A presença de outras pessoas que também moram na favela do Canindé na vida de Carolina e na dos filhos também é retratada no livro. Os vizinhos têm uma presença fundamental e uma grande importância na maneira com que ela conduz algumas situações dentro de casa.

Como o ambiente em que viviam, a favela, era cercada de violência doméstica, ela procura proteger os filhos, do jeito que consegue. É como se os vizinhos fossem outros personagens no livro e na vida de Carolina e dos filhos. Todos são descritos pela autora sempre com as mesmas características, típicas de vilania. São pessoas que não se dão bem com Carolina e com a família dela e sempre se comportam de um jeito que ela considera inadequado. Nestas descrições, uma outra faceta da questão social aparece, a violência doméstica.

A Silvia e o esposo já iniciaram o espetáculo (sic) ao ar livre. Ele está lhe espancando. E eu estou revoltado com o que as crianças presenciam. Ouvem palavras de baixo calão. (JESUS, 2014, p. 14).

Em outros trechos, as características de vilania dos vizinhos continuam sendo utilizadas pela autora. Ela relata como a maneira que vive, como as relações que tem, geram inveja na vizinhança. Uma inveja que, vez ou outra, resvala diretamente no bem-estar dos filhos. Para compor essas cenas, há sempre uma descrição detalhada do momento.

No trecho abaixo, Carolina descreve como estava a casa dela, após o ataque de uma vizinha.

A D. Rosa, assim que viu meu filho José Carlos começou a imprecisar (sic) com ele. Não queria que o menino passasse perto do barracão dela. Saiu com um pau para espancá-lo. Uma mulher de 48 anos brigar com criança! As (sic) vezes eu saio, ela vem até a minha janela e joga o vaso de fezes nas crianças. Quando eu retorno, encontro os travesseiros sujos e as crianças fétidas. Ela odeia-me. Diz que eu sou preferida pelos homens bonitos e distintos. E ganho mais dinheiro que ela. (JESUS, 2014, p. 15).

As cenas de combate dos vizinhos com os filhos dela também são mais carregadas de emoção do que o usual em *Quarto de Despejo – diário de uma favelada*. No trecho abaixo ela utiliza o adjetivo “bestas humanas” para descrever os vizinhos que costumam implicar com seus filhos.

Deixei as crianças brincando no quintal. Tinha muito papel. Trabalhei depressa pensando: aquelas bestas humanas são capás (sic) de invadir o meu barracão e maltratar meus filhos. Trabalhei apreensiva e agitada. A minha cabeça começou a doer. Ela costuma esperar eu sair para vir no meu barraco expandir (sic) os meus filhos. Justamente quando eu não estou em casa. Quando as crianças estão sosinhas (sic) e não podem defender-se. (JESUS, 2014, p. 19).

Em alguns momentos, a invasão ocorre. E ela defende os filhos, independentemente da maneira que eles encontram para afastar os invasores. Em situações como essa, Carolina não repudia atos de violência das crianças contra a vizinhança. As conversas que ela tem com as vizinhas sempre são retratadas como diálogos e não de maneira indireta, como acontece em muitas cenas, quando Carolina está sozinha com os filhos.

Quando as mulheres fera invade (sic) o meu barraco, os meus filhos lhes joga (sic) pedras. Ela diz:
 - Que crianças mal iducadas (sic)!
 Eu digo:
 - Os meus filhos estão defendendo-me. Vocês são incultas, não pode (sic) compreender. (JESUS, 2014, p. 57).

Outros vizinhos também descontam nos filhos de Carolina a inveja pelos cuidados que ela tem com as crianças.

Tem a Maria José, mais conhecida por Zefa, que reside no barracão B numero (sic) 9. É uma alcoolotra (sic). Quando está gestante bebe demais. E as crianças nascem e morrem antes dos doze meses. Ela odeia-me porque meus filhos vingam e por eu ter radio (sic). Ela as vezes joga agua (sic) nos meus filhos. Ela alude que eu não expando (sic) os meus filhos. Não sou dada a violência. O José Carlos disse:
 - Não fique triste mamãe.! Nossa Senhora Aparecida há de ter dó da senhora. Quando eu crescer eu compro uma casa de tijolos para a senhora. (JESUS, 2014, p. 17).

O desejo da casa própria é muito falado ao longo dos textos escritos por Carolina Maria de Jesus. Quando não são os filhos comentando essa vontade, ela reflete sobre a situação que se encontra e se ressentida por não poder oferecer às crianças um lar mais seguro e aconchegante. “Já que não posso dar aos meus filhos uma casa decente para residir, procuro lhe dar uma refeição condigna (JESUS, 2014, p. 17)”.

Quando era criança, em Minas Gerais, a mãe de Carolina sempre precisava levar a filha ao trabalho pois não tinha com quem deixá-la. Essa atitude

acabou proporcionando à Carolina a entrada na escola e despertando nela o gosto pela leitura e pela escrita.

Uma geração depois, por falta de opção, a escritora é obrigada a levar os filhos juntos com ela para o trabalho. Uma situação onde ela revive os problemas enfrentados pela própria mãe ao criá-la. Mas essa lembrança do passado e a relação da repetição das atitudes da mãe não são relacionadas pela autora no texto.

Fechei a porta e fui vender as latas. Levei os meninos. O dia está calido (sic). E eu gosto que eles receba (sic) os raios solares. Que suplicio (sic)! Carregar a Vera e levar o saco na cabeça. Vendi as latas e os metais. Ganhei 31 cruzeiros. Fiquei contente. (JESUS, 2014, p. 19).

Em mais um dia de trabalho, carregando a filha mais nova, Carolina reclama do cansaço excessivo. Mas nem por isso culpa a criança e reflete novamente sobre a culpabilidade pela situação que a vida impôs para ela e para a sua família. Para fazer com que o leitor se sensibilize, mais uma vez, ela descreve o que está sentindo. É mais uma oportunidade que ela oferece para quem está lendo o livro de entrar no pensamento dela e descobrir o que ela está sentindo.

Estendi as roupas rapidamente e fui catar papel. Que suplicio (sic) catar papel atualmente! tenho que levar a minha filha Vera Eunice. Ela está com dois anos, e não gosta de ficar em casa. Eu ponho o saco na cabeça e levo-a nos braços. Suporto o peso do saco na cabeça e suporto o peso da Vera Eunice nos braços. Tem hora que revolto-me. Depois domino-me. Ela não tem culpa de estar no mundo. (JESUS, 2014, p. 22).

Em raros momentos ela relata que bateu, fisicamente, nos filhos. Mas todas as vezes que essa atitude é retratada no texto, é como algo punitivo. Não há nenhum trecho em que ela bata nos filhos sem que eles tenham cometido algum ato, que para ela, fosse justificativa para apanhar.

Nesses momentos, o texto continua simples e curto. No trecho destacado abaixo, ela não utiliza nenhuma vírgula, apenas frases curtas e ponto final para relatar que o filho apanhou por ter chegado em casa fora do horário determinado pela mãe.

O José Carlos faz dias que não para em casa. Quando chega para dormir é dez e meia da noite. Hoje de manhã ele apanhou.

Avisei-lhe que se chegar as (sic) da noite não abro a porta. (JESUS, 2014, p. 53).

A relação de Carolina Maria de Jesus com os filhos também tinha seus momentos de descontração e alegria, são registros raros, mas que estão contemplados em seus diários. E sempre que há descontração, há também uma melhor oferta de comida, o que os deixa mais felizes.

Nesses momentos, uma outra característica do texto chama a atenção: a construção mais complexa de frases. Ela utiliza vírgulas e faz o uso de um diálogo direto para retratar um momento de descontração. Também utiliza termos afetuosos, o que não é comum em seu texto. No trecho abaixo, ela revela que os filhos a olharam com carinho ao usar a expressão “olhar terno”.

As vezes eu ligo o radio (sic) e danço com as crianças, simulamos uma luta de boxe. Hoje comprei marmelada para eles. Assim que dei um pedaço a cada um percebi que eles me dirigiam um olhar terno. E o meu João José disse:
- Que mamãe boa! (JESUS, 2014, p. 59).

Diante da precariedade em que viviam, em algumas situações, as crianças ficavam sozinhas em casa. E quando Carolina ia ao reencontro delas, se não as encontrasse, se desesperava. Como quando imaginou que tivesse perdido a filha mais nova. No fim, depois de encontrar a menina, mais uma vez a autora não diz em palavras, mas dá ao leitor, usando as suas frases duras e secas, a sensação do alívio que ela sentiu ao ver que estava tudo bem com a filha. Mais uma vez a autora faz o uso da oralidade e descreve a cena com precisão. Não há uma descrição detalhada dos locais em que passou na busca pela filha, o que ela descreve são as sensações que teve ao imaginar que poderia ter perdido a criança. O uso da palavra “gritei” deixa claro ao leitor qual era a condição psicológica de Carolina neste momento.

Procurei a Vera, não encontrei. Gritei, não apareceu. Fui na Portuguesa de Desportos. Já está iniciando os festejos juninos. Ela não estava lá. Fui no ponto de bonde treiz (sic) vezes. Eu já estava pensando ir no Juizado de Menores, ia gastar o dinheiro reservado para o pão. Quando cheguei na favela para pegar os documentos, para eu ir na cidade, a Vera estava procurando-me. Disse-me que estava procurando balões. E estava cansada (sic) de correr. (JESUS, 2014, p. 55).

Carolina também fala, em alguns momentos, sobre o futuro. E faz questão de enaltecer os valores que passou aos filhos. Mais uma vez isso não é representado de maneira literal, mas faz o leitor perceber o que seu sentimento materno diz. E novamente, o desejo por uma casa de tijolos aparece.

Os meus filhos reprova (sic) o alcool (sic). O meu filho João José diz:

- Mamãe, quando eu crescer, eu não vou beber. O homem que bebe não compra roupas. Não tem radio (sic), não faz uma casa de tijolo. (JESUS, 2014, p. 21).

Ao longo dos anos que moraram na favela do Canindé, Carolina Maria de Jesus e os filhos enfrentaram alguns problemas de saúde. Quando a mãe ficava doente, as crianças ficavam aflitas e demonstravam o medo de perdê-la. Essas cenas sempre são retratadas com diálogo entre mãe e filhos.

Passei o dia na cama. Vomitei bilis (sic) e melhorei um pouco. Fui carregar agua (sic). O João ficou contente. Perguntou-me se estou melhor. (...) Fiquei com tontura, deitei novamente.

... Os filhos estão com receio de eu morrer. Não me deixam sozinha. Quando um sai (sic), outro vem vigiar-me. Dizem:

- Eu quero ficar perto da senhora porque quando a morte chegar eu dou uma porretada nela.

Eles estão comportados. Ficam confabulando:

- Se ela morrer nós vamos para o Juiz. (JESUS, 2014, p. 158).

Doenças simples, como um resfriado comum, já era motivo de muita preocupação. Não havia dinheiro para remédios e o jeito era seguir conselhos de amigos e receitas naturais, na tentativa de melhorar.

Em trechos onde descreve a doença de algum filho, raramente há diálogo. A autora dá a preferência para a descrição indireta e foca nos temores que tem ao pensar na possibilidade de perder um dos filhos.

O José Carlos está melhor. Dei-lhe uma lavagem de alho e um chá de ortelã (sic). Eu zombei do remedio (sic) da mulher, mas fui obrigada a dar-lhe porque atualmente a gente se arranja como pode. Devido ao custo de vida, temos que voltar ao primitivismo. Lavar as tinas, cosinhar (sic) com lenha. (JESUS, 2014, p. 64).

Catei uns tomates e um pouco de alho e vim para casa correndo porque a Vera está doente. Cheguei ela estava dormindo. Com os meus ruidos (sic) ele despertou-se. Disse estar com fome. Fui comprar leite e fiz um mingau para ela. Ela tomou e vomitou um verme. Depois levantou-se e andou um pouco e deitou-se outra vez. Eu fui no Seu Manoel vender uns ferros para arranjar

dinheiro. Estou nervosa com medo da Vera piorar, porque o dinheiro que eu tenho não dá pra pagar medico (sic). Hoje eu estou rezando e pedindo a Deus para a Vera melhorar. (JESUS, 2014, p. 65).

Os pais das crianças são mencionados poucas vezes no livro. Quando a filha mais nova está doente, Carolina pensa no pai da menina. Mas logo reflete que não dá para contar com ele pois ele nem sabe que Vera Eunice existe. Uma situação diferente da vivida por ela, já que Carolina conheceu e conviveu com o pai, apesar de ter passado a maior parte de sua infância junto com a mãe e com o padrasto.

Dei leite para a Vera. O que eu sei é que o leite está sendo despesas extras e está prejudicando a minha minguada bolsa. Deitei a Vera e saí. Eu estava tão nervosa! Acho que se eu estivesse num campo de batalha, não ia sobrar ninguém com vida. Eu pensava nas roupas por lavar. Na Vera. E se a doença fosse piorar? Eu não posso contar com o pai dela. Ele não conhece a Vera. E nem a Vera conhece ele. (JESUS, 2014, p. 66).

Ao longo de 191 páginas, a última tem apenas três parágrafos. Cada um dedicado a um dia da vida da escritora e em cada um, um tema importante em todo o livro. No primeiro ela faz o último comentário sobre a fome. “A pior coisa do mundo é a fome!” (JESUS, 2014, p. 191).

No segundo parágrafo, datado como dia 31 de dezembro de 1959, ela se refere aos filhos e traz uma cena carinhosa, a que decide atender o pedido do filho mais velho e reservar parte do ganho do dia para que ele pague um ingresso do cinema. Em seguida, o texto dá ao leitor uma expectativa de esperança, sobre os novos tempos que estão por vir por causa do novo ano que se aproxima.

Levantei as (sic) 3 e meia e fui carregar agua (sic). Despertei os filhos, eles tomaram café. Saimos (sic). O João foi catando papel porque quer dinheiro para ir ao cinema. Que suplicio (sic)carregar 3 sacos de papeis (sic). Ganhamos 80 cruzeiros. Dei 30 ao João. Eu fui fazer compras porque amanhã é dia de Ano. Comprei arroz, sabão, querosene e açúcar (sic). O João e a Vera deitaram-se. Eu fiquei escrevendo. O sono surgiu, eu adormeci. Despertei com o apito da Gazeta anunciando o Ano Novo. (JESUS, 2014, p. 191).

Mas o ano novo chega e no registro do primeiro dia de 1960, que é a última frase do livro, Carolina não faz menção aos filhos, à fome ou sobre as pessoas que vivem na favela. Ela termina dando ao leitor a sensação de

continuidade, de que sua vida, amanhã, continuará do mesmo jeito que sempre foi. Igual o seu dia de ontem e de anteontem, independentemente do dia ser dia primeiro de janeiro. “Levantei as (sic) 5 horas e fui carregar água (sic) (JESUS, 2-14, p. 191).

Um outro tema que permeia todo o livro é o preconceito racial. Permeia, pois, ele está ali, presente, sem ser citado em demasia. Há relatos e momentos de preconceito retratados, mas para a autora eles não são tão fortes como os relatos de fome e por isso não estão destacados na obra.

A maternidade da mulher negra está presente no livro do início ao fim, mas os percalços que essa mãe solitária precisa enfrentar não são exclusivos, simplesmente, por causa da raça. São problemas permeados pela pobreza, que apesar de mais improváveis, poderiam ser vividos por uma mãe branca tentando alimentar os filhos em uma favela.

Quarto de Despejo – diário de uma favelada contribui para fincar as marcas de como a população pobre, favelada, tem poucas oportunidades de ascensão social. Ajuda a refletir como a vida de uma mãe solteira não é fácil e leva o leitor à reflexões profundas sobre a estrutura periférica que se instituiu em nosso país.

CONCLUSÃO

Um livro escrito há mais de 60 anos, mas que poderia ter sido escrito ontem. Uma autora semianalfabeta, negra, mas que poderia ser um colega, um vizinho ou qualquer morador de uma região periférica do Brasil. *Quarto de Despejo – diário de uma favelada* é um texto potente e extremamente atual.

Ao percorrer a escrita do livro, constatamos que tivemos a oportunidade de compreender o universo da escrita de Carolina Maria de Jesus e entender também as fases mais importantes de sua vida, que colaboraram para sua ascensão e posteriormente seu ostracismo literário.

Um dos pontos importantes que o livro apresenta, é a sua contemporaneidade, escrito na década de 1950, a obra traça um panorama desolador em que vivia a população branca e negra favelada em São Paulo. Também expõe a dinâmica social e política que a partir da década de 1930 que penalizou a população mais pobre, sem acesso aos serviços institucionais, sem direitos sociais e distantes de uma cidadania digna.

Carolina Maria de Jesus, ao publicar seu primeiro livro, expõe as fissuras e as mazelas herdadas da escravidão. Sua escrita constrói e disseca um cotidiano triste e desolador mas muito real.

Durante nossa pesquisa, optamos por analisar a obra a partir de um recorte da maternidade de Carolina Maria de Jesus e de sua convivência com os filhos. Em uma época em que as mulheres pobres e negras tinham poucas oportunidades no mercado de trabalho, quando a grande maioria se dedicava aos serviços domésticos e eram obrigadas a abandonar seus filhos para cuidar das crianças das patroas, a escritora optou por não sair de perto de sua prole e virou catadora de papel.

Constatamos que Carolina, nunca deixou que a miséria ou a fome perpassassem o seu papel materno e ela deixa isso muito claro ao leitor. Ao longo de seus relatos, a autora abusa do tom emocional, mas o constrói de maneira simples e cru.

Grande parte de seu texto é composto de frases curtas, o que imprime uma oralidade sem fim, como se ela estivesse sentada ao lado de quem está lendo o livro, contando as histórias de sua vida. Ela tem o poder de transportar o leitor para dentro da alma dela, seja contando sobre um pensamento que a incomoda ou refletindo sobre o que levará de jantar para as crianças que a esperam famintas em casa.

Ao longo da história da escravidão no Brasil, vimos como a mulher negra é estereotipada, mas Carolina construiu uma história de vida que desmente muitos desses estereótipos. Ela conseguiu, com suas palavras simples, com seu jeito tão peculiar de escrever nos mostrar que ainda não nos desvencilhamos do passado, mas que pela leitura e pela educação podemos usar a crueldade da escravidão como uma lição, uma lição que não deve ser esquecida e que jamais deve ser repetida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Silvio Luiz de. *Racismo Estrutural*. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra, 2021.

BRASIL. *Lei nº 1.390, de 3 de julho de 1951*. Brasília, DF, 1951. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l1390.htm>. Acesso em: 10, out. 2021

BRASIL. *Lei nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989*. Brasília, DF, 1989. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l7716.htm>. Acesso em: 10, out. 2021

CANDIDO, Antonio. *Vários Escritos*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2017.

_____. *Literatura e Sociedade*. São Paulo: Editora Nacional, 1975.

DUARTE, Eduardo de Assis. *O negro na literatura brasileira*. Navegações, Porto Alegre, v. 6, n.2, p.146-153, jul./dez. 2013. Disponível em: <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/navegacoes/article/download/16787/10936/0>>. Acesso em: 20, set. 2021

FARIAS, Tom. *Carolina – uma biografia*. Rio de Janeiro: Malê, 2018.

FERNANDEZ, Raffaella. O espólio literário de Carolina Maria de Jesus. São Paulo: Revista Manuscrita, n. 31. Disponível em: <https://bit.ly/2P1mDDU>. Acesso em: 02 out. 2018.

JESUS, *Carolina Maria de*. *Quarto de despejo – diário de uma favelada*. São Paulo: Editora Ática, 2014.

MIRANDA, Fernanda R. *Silêncios prescritos: estudos de romances de autoras negras brasileiras*. Rio de Janeiro: Malê, 2019.

PRUDENTE, Eunice. *Dados do IBGE mostram que 54% da população brasileira é negra*. *Jornal da USP*, 31 de jul. de 2020. Disponível em: <<https://jornal.usp.br/radio-usp/dados-do-ibge-mostram-que-54-da-populacao-brasileira-e-negra/>>. Acesso em: 29, set. 2021

RIBEIRO, Djamila. *Pequeno Manual Antirracista*. São Paulo. Editora Companhia das Letras. 2019.

RODRIGUES, Sérgio. *A língua de Carolina – Fidelidade à gramática desviante de ‘Casa de Alvenaria’ causa polêmica*. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 18 de ago. de 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/sergio-rodrigues/2021/08/a-lingua-de-carolina.shtml?origin=folha/>>. Acesso em: 26, set. 2021

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Sobre o autoritarismo brasileiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.